

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

YURI GARCIA PEDROZO

**Veganismo:
a interface de atuação entre o veganismo com atletas e feministas**

Porto Alegre

2015

Yuri Garcia Pedrozo

**Veganismo:
a interface de atuação entre o veganismo com atletas e feministas**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Professora Dra. Vanessa Marx

Porto Alegre

2015

Yuri Garcia Pedrozo

**Veganismo:
a interface de atuação entre o veganismo com atletas e feministas**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Trabalho aprovado em: _____ de _____ de 2015.

Comissão examinadora

Professora Dra. Vanessa Marx
(Orientadora – UFRGS)

Professor Dr. Alexandre Silva Virginio
(Examinador – UFRGS)

Professor Dr. Fernando Coutinho Cotanda
(Examinador – UFRGS)

Porto Alegre

2015

Dedico, principalmente, a quem através da dor me fez ver o ensinamento, o outro lado, e me sensibilizar. Quanto mais a dor nos aprofunda, mais amor podemos guardar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que abraçaram e incentivaram este trabalho com carinho,
como se fosse seu.

RESUMO

O tema deste trabalho é o veganismo e o estudo de suas interfaces internas, relações com outras práticas, dentro de seu próprio movimento, com os movimentos feministas e com atletas, a fim de compreender a conexão e atuação de suas homologias dentro do conceito de *habitus* e a possível construção de uma nova matriz paradigmática na relação entre humanos e não-humanos. Foram realizadas entrevistas com agentes que se intitulam veganos. Sendo estes feministas veganas e atletas veganos. Dentre os resultados foi possível encontrar uma intensa relação entre estas e diversas outras esferas, permeando questões tanto políticas e existenciais.

Palavras-chave: Veganismo. Atletas. Feministas. Habitus. Não-humanos.

ABSTRACT

The present study is about veganism and its internal movement correlations, as well as the relation with other practices inside of it, as feminism and athletic practices, aiming to understand the connections and actuations of these homologies inside the concepts of *habitus*, besides a possible construction of a new paradigm matrices in the relation of humans and nonhumans. For the purpose mentioned, it was used interviews with individuals that are vegans and athletes and individuals that are vegans and feminists. On the results it was possible to find a intense relation between the veganism and the other spheres, permeating political and existential questions.

Keywords: Veganism. Athletes. Feminists. Habitus. Nonhumans.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 VEGANISMO: HABITUS E SIMBÓLICO	16
2.1 ATLETAS VEGANOS.....	23
2.2 FEMINISTAS VEGANAS.....	26
3 VEGANISMO EM ATLETAS E FEMINISTAS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
APÊNDICE A – Questionário aplicado às feministas.....	48
APÊNDICE B – Questionário aplicado aos atletas.....	51
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	54

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o veganismo e o estudo de suas interfaces internas, observando suas relações com outras práticas dentro do próprio movimento, bem como com os movimentos feministas e com atletas. O veganismo, muito além de um hábito alimentar, é marcado por uma conduta de não-agressão e não-interferência na vida animal. Encontra-se dentro do movimento vegetariano, porém com um viés mais estrito, ou seja, além de não incluir o consumo alimentar de carne animal, evita derivados como leite e ovos, além de excluir a vestimenta de qualquer tipo de couro, remédio derivado ou testado em animais e, ainda, lazeres que provoquem o sofrimento dos mesmos (rodeios e circos), entre outros. Tendo em vista esses preceitos, podemos concluir que o veganismo também pode possuir um viés politizado, questionando não só as formas de alimentação e de consumo, mas agindo para modificá-las em âmbito social. Encontra-se como um movimento de contra-cultura à medida que questiona não só a relação dos seres humanos e animais, como também os meios de produção. Segundo Britto (2007, p. 45) citado por Abonizio (2013), "'contra- cultura' seria uma subcultura que se define em oposição à cultura dominante, numa postura transgressiva". Não é incomum encontrar veganos adeptos de outros movimentos de contracultura, convergindo em suas relações, sejam contestando as relações entre humanos e não-humanos, e com o meio ambiente, sejam contestando as estruturas da sociedade capitalista-industrial e até do patriarcado.

Diversas dietas, incluindo derivados de animais ou não, existiram ao longo da história. Com a revolução agrícola da antiguidade, a possibilidade de transformar pequenas gramíneas em cereais, suas formas de estoque e conseqüentemente o aumento de sua produção, possibilitaram a organização dos primeiros estados e um vertiginoso aumento populacional. Diante dessas diversas formas de organização também surgiram as primeiras concepções de ruptura entre humanos e natureza. Através desta ruptura, as sociedades ocidentais encontraram justificativas para o domínio da natureza como um todo, inclusive justificativas existenciais para o processo industrial do consumo de derivados de animais, e, principalmente, de carne, como um processo dito 'natural' da ação humana. Segundo Abonizio (2013, p. 1) "A alimentação é normatizada por inúmeras regras que transcendem a busca de

nutrientes, revelando-se um fato social, ainda que seja essencial à sobrevivência biológica”. Quando se pretende justificar a ação vegana, livre de derivações animais, por justificativas diversas - sejam elas éticas, ambientais ou sociais - se estaria pondo uma nova colocação na agência entre humanos e não-humanos?

Sendo assim, se pretende através dessa pesquisa analisar o veganismo como um 'campo social', de acordo com a temática estabelecida por Bourdieu, para reconhecer através destes diversos atores como os mesmos fundamentam suas ações, através de seu *habitus*. Nesse sentido, é possível a percepção de um capital cultural muito próprio, pois, para que haja uma prática duradoura, é necessário não apenas um conhecimento da dieta e da reposição de nutrientes como um todo, mas também um conhecimento de diversos processos que devem ser combatidos pelo campo. Para estabelecer o capital cultural, será necessário o conhecimento não apenas do que abrange o veganismo, como também dos processos relacionais ao modo, ao local e à situação em que estes atores se reconhecem, bem como que tipo de relações estabelecem entre estes si e a prática vegana. Além disso, ao inserir o conceito de *habitus*, estaremos colocando em pauta a relação entre o agente e as estrutura, onde, possivelmente, estaremos contribuindo para o debate sociológico.

Com a ação de atletas veganos, estaremos focando a questão no agente individual, onde a construção de seu corpo e performance funcionam como meio de consolidação de seu ato de ser vegano. Em diversos meios se discute a possibilidade de uma dieta saudável e vigorosa com base apenas em alimentos de origem vegetal, existindo o receio de que se tornem doentes e/ou fracos os que se alimentem dessa forma. Com a atuação de atletas veganos, podemos ver muito além da possibilidade de uma boa performance, a atuação desta, e de seu corpo, como um legitimador da prática vegana e um argumento de embate no campo de lutas simbólicas, colocando em cheque o consumo da carne e de derivados de animais como essencial nestes âmbitos, criando, assim, um efeito encorajador e impulsionador para que outros atores possam aderir à prática.

Com a descrição de feministas veganas neste trabalho, estaremos focando a questão nas relações estruturais entre duas formas de pensamento que, possivelmente, convergem em suas interfaces, pois essas agentes reconhecem no processo histórico uma posição de coadjuvante e de submissão perante o poder do homem, assim como muitas vezes fora colocada a posição da natureza e dos

animais. Junto desses preceitos, estaremos vislumbrando a capacidade destes agentes diversos e suas estruturas se aliarem em campos diversos, a fim de questionar lógicas preestabelecidas e hegemônicas em nossa sociedade. Este processo de aliança, muitas vezes colocada por Bourdieu como 'homologias' (BOURDIEU, 2009, p. 66-67), ajudam a construir alianças por bases comuns nestes meios, objetivando fortalecer suas atuações e confrontos perante outras lógicas dominantes, elucidando a questão e confronto entre dominantes e dominados no campo social.

Tendo em vista as diversas motivações, muito além da alimentação, que podem levar os agentes a se tornarem e se manterem veganos, estudamos potenciais relações que justifiquem não apenas a aderência a este estilo de vida, mas suas justificativas e potencialidades de transformação em face aos desafios que se propõem e ao atual momento histórico em que vivemos. Também, verificamos a relação deste estilo de vida como um campo, através das relações entre dominantes e dominados, seus agentes e *habitus* e, conseqüentemente, como ocorre neste âmbito a relação entre agente e estrutura. Através desses dois pontos, é possível que cheguemos a verificar se a prática vegana é possivelmente uma portadora de uma nova matriz paradigmática entre humanos e não-humanos no atual momento da vida moderna.

Dentre os objetivos do trabalho, tratamos como paradigma a perspectiva teórica de Bourdieu, a qual é muito rica para analisar os fenômenos e movimentos sociais, pois expressa diversas dimensionalidades acerca dos capitais herdados pelos grupos, que ajudam a moldar sua forma de atuação, cumprindo o objetivo de demonstrar como o veganismo se expressa dentro de um campo social e como agentes variados ajudam a dar formato ao seu *habitus*. Análises que se restringem a observar apenas o fator econômico para elucidar o movimento, muitas vezes correm o risco de empobrecer a análise como um todo, visualizando-o como um fenômeno de pequena burguesia em busca de uma distinção em relação as demais classes, retirando do mesmo toda sua esfera crítica e o conteúdo de seu capital cultural, o qual visa romper com práticas que abrangem diversos fatores, como, por exemplo, a prática da pecuária e da monocultura, responsável pela crescente derrubada de florestas e invasão de áreas indígenas com o intuito de expandir a produção da soja, cujo farelo serve como principal alimento para o gado confinado. Além disso,

diversas associações simbólicas ocorrem com variados movimentos sociais, trazendo o que Bourdieu trata como 'homologias' dos campos. Um dos objetivos deste trabalho é demonstrar como estas homologias se criam e como estes espaços sociais dialogam através dessas e, um exemplo é o caso do feminismo e do veganismo.

Na figura dos atletas também podemos encontrar determinado capital simbólico, à medida que sua atuação, seja na construção do seu corpo e de sua performance, atua como legitimador de sua prática, possibilitando a adesão de mais atores por meio da quebra de uma noção e um senso comum de que o veganismo se restringe a pessoas franzinas e de pouca vitalidade. Dentro disso, podemos analisar como a noção simbólica de força se constrói e se legitima, e como a noção de vitalidade pode ser essencial para que um campo dominado alinhe-se a mais adeptos dentro de suas disputas.

No que diz respeito ao habitus, o trabalho analisa a relação entre agente e estrutura. Entendendo como os agentes se tornaram veganos, consideraremos estruturas de pensamentos que entram em choque entre valores individuais e coletivos e formam o modo de pensar vegano, seja como indivíduo ou atuante de um movimento. Como Cherry (2006) destaca, há veganos que guardam para si a forma de atuação, podendo oscilar suas práticas de acordo com seu conforto. Tal forma de atuação, segundo a autora, é mais aberta a exceções, podendo aceitar condutas que não se caracterizam veganas por breves períodos de tempo, como, por exemplo, a ingestão de peixes, ovos e laticínios. Esses atores estariam sem a necessidade de uma coesão em sua prática (e com um grupo) ao visar, principalmente, seu conforto. Em contrapartida, a autora também expõe veganos mais 'ortodoxos', para os quais a coesão de um grupo é fundamental em sua prática. Tais atores, ao mesmo tempo que intercambiam informações de suas formas de prática com mais voluntariedade, também expressam uma maior cobrança mútua das práticas individuais de cada membro. Segundo esses, se caso um ator viola alguma conduta estritamente vegana, ele põe em cheque a atuação do grupo como um todo, deslegitimando os pressupostos e a possibilidade de ser vegano. Nesta linha, ser vegano se torna um ato e uma prática política, voltada para o exterior, visando demonstrar também aos demais, uma estrutura coesa e firme, que dentro de sua ação é portadora de significado. Em sua pesquisa, a autora nota a

proximidade destes atuantes com demais movimentos, entre eles o movimento punk.

Por ultimo, o trabalho traz como objetivo a possibilidade de analisar o veganismo como possível portador de uma nova matriz paradigmática entre humanos e não-humanos. Ou seja, o veganismo essencialmente como uma possibilidade de luta para romper a barreira entre humanos e não-humanos, lutando contra a noção de que animais não-domesticados são como objetos, passíveis das mais diversas manipulações e sem possibilidade de agência e interação. Para Latour (2004), os conceitos de objetividade e subjetividade se conflitam, pois, ao objeto, é restrita a subjetividade e ao sujeito é impossível a objetividade. Reduzir o ser humano, como traz o próprio exemplo do autor, a um amontoado de aminoácidos e proteínas é lhe roubar a subjetividade, lhe impor um vazio. Porém, subestimar o conto de um fato, por ser um simples ponto de vista, caindo na armadilha de um construtivismo extremo, é tirar a objetividade do real. Tal conflito entre as duas visões estabelece um cabo de guerra epistemológico entre realismo e construtivismo e um ciclo sem retorno. Atribuir ação aos humanos e não-humanos é romper esta barreira, é dar vida, ação e significado a toda a existência.

Os humanos e não-humanos podem, quanto a eles, agregar-se sem exigir o desaparecimento de seu oposto. Para dizer de outra forma: Os objetos e sujeitos não podem nunca associar-se, os humanos e não humanos podem. Desde que cessemos de tomar os não-humanos por objetos, que não os deixemos, portanto, entrar no coletivo sob a forma de entidades novas, com limites indeterminados, que existam, que tremem, que ficam perplexos, podemos sem esforço, admitir-se-á, atribuir-lhes o qualificativo de atores (LATOURE, 2004, p. 143).”

Para Claude Raynault (2006), este conflito entre sujeito e objeto é típico também da ruptura epistemológica ocidental entre sociedade e natureza. O autor explicita as raízes históricas, desde a idade média até os dias de hoje, onde as noções de relação entre ser-humano e natureza se tornaram cada vez mais relações entre sujeito e objeto, análogas as separações entre espírito e matéria, bem e mal, no período medieval, e racional e irracional, no período moderno. Para o ocidente, e sobretudo os modernos, a separação entre sociedade e natureza é uma separação entre o que é agente e o que não é agente, o que possui autoridade para agir, e o que, de fora, apenas aceita.

Ao trazer a contestação das diversas práticas que objetificam os animais, o veganismo possivelmente traria à tona a contestação das práticas que objetificam também o feminino e a natureza. Possivelmente, o veganismo estaria participando de uma luta contra a objetificação entre diversas esferas.

A hipótese apresentada é de que o veganismo constitui um movimento de contra cultura, que dialoga diretamente com outros movimentos. Possuindo uma agência que parte da ação individual para o coletivo, sua prática tem um caráter mais autônomo e individual. O feminismo seria um desses expoentes, onde o exemplo de feministas veganas demonstra as homologias nas quais estes campos convergem, em busca de aliança contra formas diferentes de dominação. Já os atletas demonstram uma apropriação da 'Hexis corporal' (BOURDIEU, 2007) a favor do movimento vegano, buscando, através da demonstração empírica de seu corpo e performance, desconstruir em uma luta simbólica a noção de fraqueza daqueles que não se alimentam da carne e/ou alimentos de origem animal.

Por ultimo, uma das hipóteses é de que o veganismo busca uma reconciliação entre humanos e não humanos não apenas por evitar processos que interferem na vida animal, mas também por dialogar com concepções que fazem a ligação entre tais em um âmbito simbólico. Ao tratar não apenas dos animais, mas também de questões ambientais e de produção nas sociedades capitalistas-industriais, o veganismo se torna um exemplo rico de contra cultura e capital cultural, se enquadrando em uma das formas do 'agir local e pensar global', próprias do modo de vida contemporâneo.

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, pois seu principal objeto são as diversas dimensões, tanto da prática vegana, como do conceito de campo. Partindo desse pressuposto, foi escolhida a utilização de entrevistas com roteiro semi-estruturado, devido às dimensões que demandam do entrevistado respostas mais narrativas. Neste modelo, o entrevistador possui questões em um roteiro com aspectos, os quais deseja que sejam abordadas pelo entrevistado, porém, as falas transcorrem livremente, onde cabe ao entrevistador certificar-se de que as afirmações tratadas estejam nas dimensões selecionadas (GUAZZELI; PINTO, 2008). Através das entrevistas, focalizaremos a atenção nos agentes, os quais carregam um enquadramento necessário para compreender a relação do veganismo com outros campos. Estes, por se definirem veganos, constituem noções que

carregam o *habitus* deste campo e que, possivelmente, se colocarão em evidência conforme a frequência de noções básicas de atuação.

Após o término de todas as entrevistas, utilizou-se o programa NVIVO como ferramenta de mapeamento das categorias de fala. Assim, as questões abordadas foram captadas nos 'nós' (recurso utilizado através do programa) para categorizar convergências e divergências entre as falas de cada um dos entrevistados em determinados aspectos. O uso do programa também foi útil para reconhecer aspectos não esperados hipoteticamente pela pesquisa, os quais apareceram significativamente em algumas declarações. Por se tratar de uma pesquisa que se valeu de entrevistas semi-estruturadas, o uso do programa teve o papel de não deixar se a riqueza da experiência individual dos entrevistados se perder, e, assim, deixar aproximar declarações não esperadas.

Ao todo foram feitas dez entrevistas. Dessas, cinco com atletas-veganos e cinco com feministas-vegas, onde duas entrevistadas eram veganas, atletas e feministas. As localidades variam: grande parte dos entrevistados se localizam na grande Porto alegre, tendo dois entrevistados do estado de São Paulo. As entrevistas foram feitas em espaços veganos (como o café Bonobo e Vulp Bici-Café), em Porto Alegre, bem como em domicílios, e as demais via Skype.

2 VEGANISMO: HABITUS E SIMBÓLICO

Compreender o veganismo de forma relacional é a finalidade deste estudo. Em relação aos campos não há uma mônada isolada, estática, fora de relação. A todo momento estamos criando significação e compartilhando, a cultura é um fluxo de trocas através do tempo e do espaço. O campo é um campo em aberto: de possibilidades, de relações, de convívios, de embasamentos e de apropriações e doações. De um determinado ponto de vista, o veganismo pode ser um campo qualitativamente vasto em suas relações, afinal perpassa diversas cadeias da contra cultura, diversas formas de agências voltadas à sensibilização do agente, direcionando a reflexão do mesmo para um série de problemas e questões sociais e da natureza. Aos que não se sensibilizam facilmente para essas questões, o veganismo pode muitas vezes passar despercebido, seja por conta do não vislumbre do mesmo, ou de suas relações.

A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar - ou orientar - todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades. Por meio dela, torna-se presente o primeiro preceito do método, que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo social de maneira realista ou, para dizer como Cassirer, substancialista: é preciso pensar *relacionalmente*. (BOURDIEU, 2009, p. 27)

Sendo assim, buscamos compreender o sentido simbólico central desta prática. Ao se intitular vegano, o agente, possivelmente, irá elucidar sua experiência e perspectiva pessoal acerca de como se sensibilizou com a forma que a ação humana afetava a vida animal, o quanto lhe era inconcebível entender esta forma e o porquê da agência dos abatedouros, frigoríficos e laboratórios, bem como o porquê de '*se você ama uns, por que come outros?*', frase muitas vezes encontrada em estampas e adesivos, elucidando a diferença da relação e do tratamento de animais domesticados e animais para o abate. O termo '*holocausto animal*', diversas vezes cunhado por veganos e expresso em filmes como '*Terráqueos*' (2005), que aborda este tratamento, nos deixa outra pista para o entendimento do sentido mais simbólico deste ponto de vista. Ao perder a subjetividade, em um senso comum, nos tornamos meros objetos, passíveis dos diversos moldes, descartes e experiências, sem demais preocupações com o seu devir. Eis um dos pontos centrais para

entender o veganismo de forma mais ampla: uma luta contra a objetificação animal. Abre-se aí o espaço para os mais variados estudos, das mais diversas áreas, para considerar a possibilidade de consciência em animais e questionar os limites de agência de cada ser, embora este não seja o objetivo da presente pesquisa. O fato é que estes agentes, intitulados veganos, possuem esta resposta de forma quase imediata. Para eles, é possível vislumbrar diversas vezes a noção de 'eles sentem tanto quanto nós', e, portanto, são portadores de consciência e subjetividade.

Partindo desta análise simbólica, a qual coloca o veganismo como uma luta contra a objetificação da vida animal, nos é creditado um certo passaporte para tráfegar neste terreno e entender as diversas relações que este pressuposto pode se encaixar. Tal como os químicos, podemos entender porque determinado elemento é passível de combinação com outros elementos e cadeias, criando outras e possibilitando a formação de novos materiais. Todo este recorte é feito baseado nesta premissa de Bourdieu:

Ele pode, assim, indicar as diferenças reais que separam tanto as estruturas quanto as disposições (os *habitus*) e cujo princípio é preciso procurar, não na singularidade das naturezas - ou das "almas" -, mas nas particularidades de *histórias coletivas* diferentes" (BOURDIEU, 1996, p. 15)

Podemos assim buscar inúmeras definições do conceito de *habitus*, mas neste momento a mais apropriada se definiria por:

O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. (BOURDIEU, 1996, p. 21)

Estamos em busca do *habitus* vegano e para isso é necessário tecer fios, desatar fios, dar nós, desatar nós, muitas vezes cegos à nossa visão. Cabe ao pesquisador desbravar este terreno, que diversas vezes passa despercebido, e retratá-lo. Como diz o autor 'O sociólogo poderia tornar sua a fórmula de Flaubert: 'Pintar bem o medíocre' (BOURDIEU, 2009, p. 20).

Dentro do movimento vegano, podemos notar que a luta contra a objetificação da vida animal perpassa a luta contra a objetificação de outras significações: Interfaces das dinâmicas dos campos, lidando de forma relacional. O movimento *freegano* (ABONIZIO, 2013) trará diversas relações, desde a objetificação da vida animal até a crítica à sociedade capitalista-industrial e ao consumismo.

Buscando uma forma variada e abrangente de boicote, se destacam práticas como o *'squat'*, que busca a apropriação de zonas de moradia que se encontram ociosas. Ao ocupar estes espaços, os *freeganos* afirmam que estão boicotando a sociedade de consumo, e, principalmente, ao mercado imobiliário, o qual sequencialmente remove e desabriga famílias, geralmente de classes economicamente desfavorecidas, com intuito especulativo, nos bairros e zonas de moradia menos valorizadas. A especulação imobiliária, ao ocupar estas zonas com suas novas construções, aumenta vertiginosamente seu valor, prática que se torna muito lucrativa à medida que possui um gasto mínimo em relação a sua valorização. O boicote ao trabalho, o escambo e a coletivização de recursos trazem em sua essência o rompimento com toda a cadeia produtiva da sociedade capitalista. Ao evitar as formas convencionais de trabalho e priorizando formas mais coletivas de colaboração, estes agentes buscam romper desde as noções primárias de trabalho e de classe, até a noção de consumo e moeda. Ao quebrar com toda essa cadeia e contestar a forma como concebemos a sociedade capitalista, estes agentes buscam romper a objetificação do ser humano como ser humano, a qual o torna mera peça de uma grande engrenagem de produção.

O transporte ecológico é outra faceta desta transformação. Quando escolhem preferencialmente transportes não poluentes, como bicicletas, skates, caminhadas e outras formas de transporte, e a não-adesão ao uso do carro, os agentes trazem mais uma vez a atenção para o âmbito do consumismo. Ao não necessitar consumir combustíveis regularmente e não fomentar as grandes cadeias automobilísticas, estes agentes participam mais uma vez de um boicote à sociedade capitalista como um todo. Há também a atenção em relação às mudanças climáticas, decorridas dos agentes químicos poluentes emitidos pelos meios de transporte, trazendo à prática do *freeganismo* uma atenção à relação do ser humano com a terra, focada nas macro e micro ações do dia a dia e nas pequenas formas de transformação. Além disso, ao tomar a escolha por meios de locomoção alternativos, voltados principalmente ao exercício físico e ao gasto de sua própria energia, ao invés do conforto do transporte automobilístico, e, conseqüentemente, o consumo de energias fósseis não renováveis, estes agentes complementam sua prática com a escolha de uma vida não sedentária e o cultivo de sua própria saúde. Ao pensar nestes três âmbitos, 'consumismo/poluição/sedentarismo', e na escolha de

pequenos atos que não fomentam este ciclo, estes agentes fazem a escolha pela saúde de uma forma abrangente, não apenas focada em si como indivíduo, mas no reconhecimento de uma cadeia que perpassa toda a sociedade capitalista.

Por último, o retorno ao natural (ABONIZIO, 2013) destaca a recuperação de diversas práticas de sociedades tradicionais tidas como sustentáveis. Este âmbito perpassa também esferas culturais mais abrangentes e não apenas materiais, mas aquelas também tidas como espirituais, como o uso de medicinas xamânicas. A aproximação com as mais diversas cosmologias traz a estes agentes a possibilidade de vislumbrar variadas alternativas para a superação do sistema atual, visando manter a sustentabilidade e o respeito ao natural. Ainda dentro disso, podemos destacar as diversas críticas às redes de práticas da pecuária, as quais afetam tanto sociedades tradicionais como o meio ambiente. Entendendo as diversas práticas de apropriações de terras indígenas com intuito da prática da pecuária, antropólogos apontam conflitos na região norte e centro-oeste do Brasil, entre indígenas e ruralistas nas demarcações de suas terras. Em grande parte, estas apropriações ocorrem com o intuito de derrubar as matas, seja para alocação do gado, seja para o plantio de soja, que, em especial, tem como principal destino de seu farelo a ração para o gado. São calculados diversos impactos ambientais, sejam dos gases da pecuária (em especial o metano), da fauna e flora ameaçadas, sejam dos diversos litros de água gastos, tanto no cultivo da soja quanto na alimentação do gado, recursos estes '*virtualizados*' em nossos consumos diários, ou seja: não evidentemente quantificados. Sem falar é claro, nos impactos sociais, sejam de dizimação de povos tradicionais indígenas, seja na perda de sua cultura com estas práticas.

Nestes quesitos é possível aproximar esta relação com a análise de Claude Raynault (2006) sobre a arqueologia social da ruptura entre seres humanos e natureza, característica intrínseca à sociedade moderna e a seu capitalismo-industrial, portadora da matriz paradigmática da relação entre humanos e natureza no período atual. Para o autor, esta separação remonta, historicamente, o início do período católico, onde a ruptura com modos de vida vistos como pagãos (que não viam separação entre o humano e o natural), fora reforçada. O intuito desta visão católica era de que o domínio do ser humano pela natureza era legítimo, afinal este era análogo ao domínio do espírito pela matéria, do bem sobre o mal, "Na linha de

tese de White, diz-se frequentemente que a religião cristã instituiu o ser humano como 'dono do mundo' e que isto é a tradição que inspirou as sociedades industriais na sua relação de dominação sobre a natureza" (RAYNAULT, 2006, p. 6). Após este período, entre Petrarca e a publicação de "O livre arbítrio" de Erasmo, em 1524, se fortalece a noção de sujeito e individualidade. Antecedendo a revolução industrial, René Descartes propõe a noção de 'Máquina mundo', com as seguintes considerações:

Não conheço qualquer diferença entre as máquinas feitas pelos artesãos e os diversos corpos criados pela natureza [...] ao não ser que os canos e molas que causam os movimentos dos corpos naturais são em geral pequenos demais para poderem ser percebidos pelos nossos sentidos" (RAYNAULT, 2006, p.19).

Assim, as ações que reduzem a natureza ao objeto são passíveis de legitimação ao desmatamento, poluição e vazamento de resíduos tóxicos. Estes, segundo sociólogos da questão ambiental, como Hannigan (1997), seriam fruto não apenas de uma ação material de industrialização, mas de uma ruptura epistemológica entre humanos e natureza na sociedade moderna. Noções como as colocadas por Abonizio (2013) reforçam a busca por uma reconexão entre humanos e natureza dentro da sociedade industrial, dialogando com o veganismo, visando equilibrar impactos da sociedade. Estes atores acabam por trazer para si a responsabilidade de mudança e de busca por ligação entre estes aspectos. Para Raynault:

Uma terceira ideia presente entre muitos pensadores da antiguidade é que a natureza é um ser vivo que não apenas tem um corpo, incluindo todos elementos físicos que a compõem, mas também tem uma alma: a "Alma do mundo" que faz dele um ser completo, material e espiritual. A noção de "alma do mundo" permaneceu no mundo ocidental, às vezes de modo metafórico durante muitos séculos. Ela aparece muito viva na poesia romântica. (RAYNAULT, 2006, p. 5)

Esta 'Alma do mundo' estaria tanto no 'cosmos' grego, como na ideia de 'Brahman' no oriente. Fortemente difundida no mundo oriental, a proximidade com dietas e modos de vida vegetarianos se tornam terreno de fácil acesso nestas localidades. Já no ocidente, embora mais restrito, sabe-se que filósofos pré-socráticos, como Pitágoras, aderiam a uma dieta de caráter geral vegetariano e concebiam o cosmos e a natureza tanto como algo vivo, como algo a ser lido. Fugindo da perspectiva vegana/vegetariana, mas mantendo o diálogo com as conexões entre humanos e natureza, ainda dentro do catolicismo é possível

encontrar figuras como São Francisco, que considerava os elementos da natureza como 'irmãos' e buscava uma vida próxima aos animais (RAYNAULT, 2006). No Romantismo também é possível encontrar esta movimentação de busca pela reconexão com a natureza. Movimentos mais recentes, conhecidos como "Wilderness", apontam um caminho parecido, seja na literatura de Henry David Thoreau com *Walden*, até obras cinematográficas muito recentes, como 'Into the wild' (2007). Seriam estas movimentações de certa forma cíclicas? Mesmo assim, cabe alertar a possibilidade do veganismo, sim, ser uma busca por uma nova matriz paradigmática na relação entre humanos e natureza dentro de uma sociedade capitalista-industrial, dialogando com diversas outras formas de atuação.

Atentando ao que traz Abonizio (2013), podemos conceber que todas estas práticas se enquadram dentro do que destacamos anteriormente como um certo *habitus* vegano e a luta contra a objetificação nas mais diversas esferas. Todos estes elementos atentam a uma espécie de contra cultura, que buscam uma aproximação com a natureza e o rompimento com uma grande cadeia de práticas que dão base à sociedade capitalista. Tais práticas, segundo a autora, trazem o cunho de engajamento essencial para compreender esta prática como 'contracultura'. Porém neste trabalho, demonstramos outra faceta de todas estas práticas. Observando a atuação de veganos e freeganos e a construção das diversas relações, oriundas da reflexividade dos agentes em face a uma cadeia de impactos sociais e dos agentes em face a pequenas práticas, é possível declarar que o veganismo e suas ramificações são portadores de um rico capital cultural, reflexivo e engajado nas mais diversas formas. Embora existam diversas críticas que considerem o veganismo um movimento pequeno-burgês, com o intuito de se diferenciar e se distanciar de hábitos e práticas de classes menos favorecidas, é possível notar que este argumento, de certa forma, se invalida à medida que analisamos a fundo não só este movimento em seu aspecto de contracultura, mas também a crítica que Bourdieu traz a respeito de um marxismo mais ortodoxo. Nas palavras do autor:

As classes sociais não existem (ainda que o trabalho político orientado pela teoria de Marx possa ter contribuído, em alguns casos, para torná-las existentes, ao menos através das instâncias de mobilização e dos representantes). O que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual,

pontilhadas, não como um dado, mas como *algo que se trata de fazer*.
(BOURDIEU, 1996, p. 26)

Ou seja, ao não considerarmos a noção de *capital cultural*, possibilitamos a queda em uma noção rígida de classe e, conseqüentemente, perdemos a possibilidade de analisar as diversas relações entre grupos; A constituição deste capital cultural é de suma importância para analisar as interfaces que este trabalho propõe acerca do veganismo.

2.1 ATLETAS VEGANOS

Partindo de Bourdieu para situarmos o lugar da *hexis* corporal em nosso campo de análise, analisamos o lugar das práticas de cultura do corpo:

[...] assim, por exemplo, pode-se exigir da ginástica - aliás, esta é a demanda popular satisfeita pelo *culturismo* - a produção de um corpo forte que exiba sinais exteriores de força ou, então, um corpo saudável - esta é a demanda burguesa que encontra satisfação em uma ginástica com função essencialmente higiênica - ou, ainda, com as "novas ginásticas", um corpo "liberado" [...] (BOURDIEU, 2006, p. 1998)

Neste trecho podemos analisar o interessante papel simbólico e distintivo da *hexis* corporal como símbolo de status. Voltada principalmente para um âmbito egocêntrico e individual, diversas das práticas de cultura corporal se encontram, tal como o autor destaca, como uma função higiênica. A disposição de deixar o corpo naturalizado das mais diversas formas, sem a alteração da prática cultural e do reconhecido belo nos padrões da nossa sociedade, é passível das mais diversas retaliações, o que é compreendido como um papel não benéfico para o bem estar social como um todo, à medida que interfere na disposição de cada indivíduo ao cultivar o próprio corpo da forma como bem entender. Por outro lado, existe a intenção de expor as diversas mazelas que podem ocorrer ao corpo e ao bem estar do indivíduo, seja por um modo de vida sedentário e pela má alimentação. Longa pode ser esta discussão e não possui necessariamente o papel que queremos ao tratar o corpo neste trabalho.

Chama a atenção o papel simbólico de determinados fatores: 'força' e 'saúde', atributos necessários para sobrevivência, seja no âmbito físico, seja no âmbito simbólico e do *habitus*. Tratar destes atributos é também tratar de argumentos construídos nos atritos dos campos, sejam dominantes, sejam dominados.

Afinal, veganos e vegetarianos tiveram de afrontar o receio de não sobreviver a uma dieta sem carne, das chances de isto incorrer em anemia e diversas outras formas de raquitismo. Em outras palavras, a perda simbólica da força, o aumento da fraqueza e uma certa 'feminilização' do corpo e das práticas são fantasmas que assombram os veganos em seus dias de despertar. No que trata Bourdieu:

E a filosofia prática do corpo masculino como uma espécie de potência, grande, forte, com necessidades enormes, imperiosas e brutais, que se afirma na maneira masculina de portar o corpo e, em particular, diante dos alimentos, encontra-se também na origem da divisão dos alimentos entre os sexos, divisão reconhecida, tanto nas práticas quanto no discurso, pelos dois sexos. [...] A carne, alimento nutritivo por excelência, forte e fornecedora de força, vigor, sangue, saúde, é o prato dos homens que têm direito a repetir. (BOURDIEU, 2006, p. 180)

Antes de romper com estas noções no plano social, o vegano deve rompê-las dentro de si e para si. Não excluído o risco dos mais variados desequilíbrios nas dietas veganas sem a gama completa de nutrientes a serem substituídos, ao superar sua batalha no campo de seu próprio corpo, o atleta vegano tem o direito de exibir seu corpo e construído como um troféu de superação perante as barreiras que lhe amedrontaram no início de sua caminhada e, além disso, possui a capacidade simbólica de encorajar demais agentes que queiram traçar o mesmo caminho.

Eis neste ponto um fragmento desconcertante. Como constrói Bourdieu em sua análise 'A distinção', a hexis corporal se torna um retrato egocêntrico, pequeno burguês, auto inflado e portador de uma cultura dominante a qual submete seus diversos ditames. Como conciliar esta noção com o que trouxemos até agora sobre o veganismo? É preciso antes de mais nada extrair o papel simbólico destas práticas. Ao trilhar o caminho que elucidamos, desde o vislumbre da possibilidade de ser vegano até a construção de seu corpo e performance, vemos uma prática que não é apenas construída para si com intuito hedonista, mas uma prática construída como forma de combate no campo simbólico, carregada de um intuito muito particular: voltada a sensibilização. Se ao se sensibilizar com a objetificação da vida animal e vislumbrar as mais diversas barreiras para a possibilidade de levar uma vida que supere as mesmas, ao realizar o construído de seu corpo, o agente vegano traz a simbolização desta sensibilização, confundindo quem analisa na pendência entre o intuito individual e o intuito coletivo. Afinal, quem é o corpo? De quem é o corpo? O corpo como carregador de um engajamento e de uma espécie de contra cultura contrária muito nossas noções das práticas e da hexis corporal. Torna-se o contra argumento da noção simbólica da vitalidade do consumo da carne, de sua força e seu vigor. Contrária junto com isso a noção de masculino e feminino, da qual a alimentação sem carne se tornaria demais feminilizada, e, conseqüentemente, fragilizada. Nesta noção, a ideia de força atingiria o seu ápice simbólico em uma

visão de equilíbrio: A força que concilia o sensível. A união entre feminino e masculino. Preceitos antigos, próximos de um taoísmo.

Este simbólico é agente e é possível observar estes atletas sendo diversas vezes consultados por simpatizantes do veganismo, a fim de compreender sua dinâmica e de muitas vezes colocá-la à prova. O veganismo faz bom proveito destes atletas em seus debates acerca da saúde e da possibilidade de ser vegano. Dominados enfrentam dominantes com as mesmas armas, trazendo nesta pequena fresta que se abre, uma possibilidade de outras mudanças em outros âmbitos

2.2 FEMINISTAS VEGANAS

Mais uma vez, tendo como base as colocações de Bourdieu, nos colocaremos perante uma interface muito rica no sentido qualitativo, além de passível das mais diversas aproximações. A proximidades entre veganismo e feminismo encontram-se visíveis no campo da contracultura e na disposição de outras significações que são latentes entre estas visões. Embora saibamos que ambos os campos, veganismo e feminismo, não convergem por inteiro (caso contrário todas veganas seriam feministas e todas feministas seriam veganas) e estes movimentos são heterogêneos dentro de suas próprias dimensões, é possível analisar certas homologias que podem fundamentar estas aproximações, em especial dos atores que melhor promovem esta aproximação: as feministas veganas. A cerca dos campos e das homologias, Bourdieu destaca:

As transferências metódicas dos modelos baseados na hipótese de que existem homologias estruturais e funcionais entre todos os campos, ao invés de funcionarem como simples metáforas orientadas por intenções retóricas de persuasão, tem uma eficácia heurística iminente, isto é, a que toda a tradição epistemológica reconhece a analogia” (BOURDIEU, 2009, p. 66-67)

Há quem diga que é inconcebível pensar veganismo sem feminismo, e vice e versa. Posição demasiado curiosa, afinal ambos preceitos não se encontram necessariamente na gênese de um e outro como movimento em si. Porém, ao nos aprofundarmos e dissecarmos a origem do que neste trabalho seria o núcleo - ou um dos núcleos - do *habitus* vegano, ou seja, a luta contra a objetificação da vida animal como um todo - também trazemos uma aproximação de um dos preceitos fundamentais do feminismo e de sua luta - a luta contra a objetificação da mulher e do feminino.

À medida que as revoluções culturais e a crescente luta por direitos trouxe à mulher cada vez mais espaço e agência na sociedade ocidental, notamos cada vez menos a tendência e a necessidade desta se colocar em posição de submissão ao elemento de poder masculino. Se era possível se ver - como ainda é possível ver - a mulher colocada como propriedade do homem, ou seja, objetificada e desprovida de agência própria, esta noção é cada vez mais combatida e revista em diversos âmbitos. Neste sentido, autoras como Judith Butler (2015) e Carole Pateman (1993)

nos trazem a figura do patriarcado como principal agente de submissão e dominação do gênero feminino nas diversas sociedades, por vezes se portando de forma 'naturalizada' e inescapável, alheia a proposições culturais e relações de dominação, por vezes se obscurecendo em um viés contratualista, onde a figura do chefe de família (patriarcado tradicional) perde espaço cada vez mais para a noção de indivíduos que constroem relações por livre escolha (patriarcado moderno). Pateman (1993) afirma que o conceito de patriarcado é necessário para expressar a sujeição do feminino em face aos privilégios que os homens exercem por simplesmente existirem. Este conceito é fundamental para evidenciar as assimetrias de gênero na sociedade e seu teor cultural através de dominações, sejam no âmbito público ou no âmbito familiar. Mesmo as categorias que simbolizam um cidadão livre nas sociedades modernas perpassam uma série de qualidades as quais são familiares e atribuídas à figura masculina e que exigem da figura feminina uma série de adaptações custosas, como os exemplos do mercado de trabalho e das linhas de montagem do século XIX e início do século XX. Para as autoras, o papel da mulher é definido pelo patriarcado, muitas vezes colocado como um papel de negação ao do masculino e de seus privilégios, o papel da mulher se cria a partir desta dominação e não por uma instância natural. O 'tornar-se mulher' é o fator elucidado por grande parte das teóricas feministas como uma instância prática e relacional, um dever, ao invés de um papel naturalmente estabelecido. Neste sentido é válida a colocação de Butler:

A própria noção de "patriarcado" andou ameaçando tornar-se um conceito universalizante, capaz de anular ou reduzir expressões diversas da assimetria do gênero em diferentes contextos culturais (BUTLER, 2015, p. 72)

O patriarcado, junto com as diversas formas de dominação, constroem as diretrizes do fazer político, obscurecendo as assimetrias e os papéis dos dominados. Pautando regras e as formas de ser, compõe um campo de lutas simbólicas, onde alianças diversas ocorrem. Se é possível conceber algumas alianças nos âmbitos da contra-cultura (seja entre feministas, veganos, esquerdas, anarquistas, etc.) também é possível conceber os papéis relacionais entre o patriarcado, o capitalismo, o 'carnivorismo' (ADAMS) e etc. Cabe destacar nesta instância a colocação de Pateman:

As explicações feministas mais influentes sobre a conexão entre as duas formas sociais apóiam-se no chamado argumento da estrutura dual; o patriarcado e o capitalismo são vistos como sistemas autônomos. As vezes o patriarcado é visto como uma estrutura ideológica e psicológica; outras vezes como um conjunto de relações sociais materiais, distinto das relações sociais capitalistas. (PATEMAN, 1993, p. 62)

Os limites do corpo também são explorados e, embora ainda faça parte da cultura dominante explorar a exposição do corpo feminino como objeto nos mais diversos anúncios, como validação do que é prazeroso, há uma contra corrente de contestação destas ações, que se encontra cada vez mais disseminada. A esta colocação caberia o conceito de 'referente ausente', usado por Carol Adams em sua obra 'A política sexual da carne'. Ou seja, através do processo tanto de objetificação, quanto de ocultação do sofrimento (sinônimo de subjetividade), o animal abatido e o produto final (a carne) sofrem uma desconexão simbólica. Para Adams, a prova disso é que dificilmente usamos os termos que designificam o nome do animal o qual se consome, mas escolhemos as partes (coxa, sobre-coxa, filé, coração, peito, etc.), sinônimos geralmente abatidos (gado, frango, vitela), processos (mortadela, salsicha, salame) ou usamos o termo 'de' ('de' galinha, e não 'da''galinha; 'de' búfalo e não 'do' búfalo, por exemplo). Além do mais, o processo de produção e abate é ocultado e propagandeado de forma amistosa, como uma galinha que segura o slogan do presunto ou uma vaca solta em uma fazenda em uma embalagem de leite, por exemplo. Ao colocar o processo de abate visível, seja de forma presencial ou em vídeos, acessíveis em documentários, o 'referente ausente' se torna presente. Através deste processo tudo que está ocultado toma conexão simbólica e a noção e consciência de todo o processo se torna acessível. Para Adams (2012), o corpo feminino também sofre este tipo de objetificação através da propaganda (modelos, comerciais, revistas adultas) onde a subjetividade da mulher pouco importa para o consumo masculino. Também é ocultado o sofrimento o qual muitas mulheres passam em busca de um corpo 'perfeito', como por exemplo, distúrbios tais como a bulimia e a anorexia, acarretando em diversas outras disfunções em busca de um enquadramento em moldes 'consumíveis' de corpos, entre outros exemplos. Para a autora, os abusos são também uma espécie de sinal para que o referente ausente entre em cogitação, pois o ato de negação da mulher se torna inválido perante o abusador o qual ignora sua escolha subjetiva em face ao

seu prazer em objetificá-la. Ser considerada um 'pedaço de carne' é, na opinião da autora, ter a subjetividade negada. A mesma resgata noções antropológicas para explicar a origem de seus argumentos:

Que qualidade da carne a converte num símbolo e na celebração do domínio masculino? Em muitos aspectos, a desigualdade de gênero incorpora a desigualdade da espécie proclamada pelo consumo de carne, porque para a maioria das culturas a obtenção da carne era tarefa para os homens. A carne era um bem econômico valioso: Quem controlava esse bem adquiria poder. (ADAMS, 2012, p. 60)

Adams também traça o paralelo com a figura do homem que não come carne, este estaria contestando uma parte essencial do papel masculino, pois está optando por comida de mulher. Quando ousa fazê-lo, estaria optando por um papel passivo e afeminado.

Para a autora, a noção simbólica de força da carne é um fato social e vem desde a antiguidade, da noção da caça, pois esta visa a derrubada do animal, a sua submissão: a submissão do meio natural pelo ser humano. Adams aponta que a figura masculina do papel da carne, colocada tanto pela autora quanto por Bourdieu (2007), resulta do fato que a caça era fruto do trabalho do sexo masculino. A carne como bem valioso elevava o status do sexo masculino também, adicionando, assim, em sua significação a separação dos trabalhos por gênero: homens caçam, mulheres plantam; arco e cesto, pecuária e agricultura. Ainda de acordo com Adams, tal fator em sua análise exemplifica porque que sociedades mais voltadas à pecuária e com economias de processamento animal são mais patriarcais. Em contra partida, sociedades voltadas para a agricultura, com economia de base agrícola, são mais igualitárias e o papel da mulher valorizado. Não obstante, é possível fazer a aproximação histórica com o período de veneração da Vênus e do feminino em diversas localidades onde a agricultura e o cultivo de grãos em geral foram implantados. Na visão histórica da autora, as elites sempre foram comedoras de carne, enquanto aos pobres lhes era concebido o consumo principalmente de vegetais, trazendo assim também uma divisão de classes e de alimentação de classes. Em um dos trechos, essa noção de dominação se torna ainda mais evidente, resultando em noções imperialistas e de darwinismo social:

Os hindus e os chineses comedores de arroz, assim como os camponeses irlandeses que comem batata, são dominados por ingleses bem

alimentados e desse modo permanecem. Das várias causas que contribuíram para a derrota de Napoleão em Waterloo, uma das principais foi que pela primeira vez ele foi posto cara a cara com a nação de comedores de carne, que ficou de pé até eles serem mortos. (ADAMS, 2012 p. 56)

Ao tratar do especismo, Adams é ainda mais enfática, evidenciando formas onde os animais são reduzidos a categorias de sub-ser. Sendo assim, estabelece um diálogo com diversas correntes contra-hegemônicas, passando não apenas pelo feminismo, mas também por questões raciais. Segundo esta:

Sempre que Hermann assistia a matança de animais e peixes, ele tinha o mesmo pensamento: Em seu comportamento com animais, todos os homens eram nazistas. A presunção que o homem podia fazer com outras espécies o que bem entendesse ilustrava as teorias racistas mais radicais, o princípio de que o poder está certo" (ADAMS, 2012, p. 54)

Se a objetificação dos animais e das mulheres pode encontrar um terreno comum, há outra objetificação talvez tão antiga quanto estas duas: A objetificação da natureza. Se segundo Hannigan (1997), as crises ambientais são também crises de significação, em sua perspectiva construtivista, onde é retirada a noção de agência dos elementos naturais, e conseqüentemente de subjetividade, é possível que desta mesma noção, que reduz a natureza como um todo ao plano dos objetos, surja a redução ao mesmo plano, o feminino. Possivelmente, nascido de um princípio do feudalismo, a separação entre humanos e natureza nas perseguições ao paganismo em sua propagação seja o ponto de partida desta análise (RAYNAULT, 2006). A figura da 'bruxa' (figura feminina que intermedia o humano, o natural e o sobrenatural) e do feminino como porta voz da relação entre o humano e o natural, entre o humano, os seres e os animais é portadora de um *habitus* há muito esquecido em nosso senso comum.

Agentes que constroem a relação entre ambos os campos, é possível notar a agência das homologias, tal como exemplificadas por Bourdieu, no que diz respeito a aliança entre campos dominados perante campos dominantes. Estas aproximações históricas e simbólicas são benéficas à compreensão sobre os fenômenos sociais de forma ampla. Como considerado pelo autor:

Compreender a geêse social de um campo, e aprender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-

motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir” (BOURDIEU, 2009, p. 69)

Compreender as origens históricas destas relações simbólicas e de significação significa compreender uma série de dominações subseqüentes que ocorrem por seu intermédio. A alimentação, assim, se torna um fato social, portadora de cultura, de significações e de histórias. Como elemento básico da vida social também é atravessada por significados do mesmo, conta histórias, abre intermédios, relações.

3 VEGANISMO EM ATLETAS E FEMINISTAS

Foram feitas perguntas básicas para todos os entrevistados. Buscamos conhecer a idade para compreender em qual geração estes agentes se incluem. A profissão é um fator passível de dar indícios de um capital econômico sem aprofundar valores com precisão, tratando-se de entrevistas com um contato mais direto com o entrevistador e não de questionários, os quais muitas vezes não requerem amplo diálogo e contato entre entrevistador e entrevistado, era possível que alguns dos entrevistados se sentissem desconfortáveis ao tratar de valores e de renda, deixando esta aproximação em branco. Noções como vínculo organizacional com ongs, grupos ou associações nos denotam se há nestes participantes uma noção de grupo mais instituída, se suas formas de participação ocorrem em outras frentes ou não ocorrem. Buscar conhecer quais formações esses agentes possuem nos revela se os mesmos têm acesso a universidades ou não e quais os cursos estão envolvidos, denotando, assim, uma breve noção de capital cultural a ser absorvido.

Em geral o perfil dos entrevistados foi:

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados

Categoria	Idade	Profissão	Vínculo organizativo	Escolaridade	Forma de entrevista	Localidade
Atleta A (Ciclismo)	28	Ciclista entregador	Não possui	Superior incompleto (Artes Visuais)	Entrevista presencial	Porto Alegre
Atleta B (corrida e boxe)	31	Agro-ecólogo, professor de yoga, palestrante, músico e compositor	Não possui	Médio Completo	Skype	São Paulo
Feminista e Atleta D (Fisiculturismo)	25	Estudante	Não possui	Nível superior completo (gestão ambiental)	Skype	São Paulo

Categoria	Idade	Profissão	Vínculo organizativo	Escolaridade	Forma de entrevista	Localidade
Feminista e Atleta E (artes marciais mistas)	25	Professora de boxe	Não possui	Médio completo	Entrevista presencial	Porto Alegre
Atleta C (Corrida)	24	Estudante	Não possui	Superior Completo (Educação física)	Entrevista presencial	Guaíba
Feminista A (Estudante de ciências sociais)	23	Estudante	Não possui	Superior incompleto (Ciências Sociais)	Entrevista Presencial	Porto alegre
Feminista B (Jornalista)	32	Micro-emprededora	Não possui	Pós-graduação superior (jornalista, especialista em comunicação digital)	Entrevista presencial	Porto alegre
Feminista C (Jornalista)	26	Autônoma	Não possui	Superior incompleto (jornalismo)	Skype	Porto Alegre

Fonte: O autor (2015).

Iniciamos com uma pergunta básica para todos os entrevistados: Por quê se tornou vegano(a)?, com o intuito de compreender as causas de sua aderência ao veganismo. Esta foi uma pergunta aberta, buscando fazer uma espécie de arqueologia de sua prática, dando a oportunidade dos entrevistados dizerem quais aspectos lhes motivaram, se relacionaram e fortaleceram esta prática. Outra pergunta em comum para todos os entrevistados foi: existem outros aspectos que se relacionam com sua prática?, dando opções de escolha: 'Libertação animal', 'Meio ambiente/sustentabilidade', 'Saúde', 'Religião/ Espiritualidade' (perguntando sua direção), 'Direção política' (perguntando sua direção). Embora um pouco mais restrita a escolhas, essa questão também permitiu que os entrevistados falassem de forma aberta sobre suas escolhas e onde entendem que estas se relacionam com o veganismo.

Para os atletas fora perguntado qual das práticas (veganismo e atletismo) fora aderida em antecedência a outra, ou se o início de ambas as práticas ocorreram em períodos próximos. O intuito desta pergunta é tentar traçar uma linha cronológica geral para saber se há correlação ou não entre o tornar-se vegano e atleta para estes agentes. Em seguida, foi feita uma pergunta de forma escalar, com notas de zero a dez, zero assinalando total discordância e dez assinalando total concordância, com o intuito de saber se sua performance, de forma geral, contribui para que as pessoas busquem se conscientizar sobre as possibilidades de se tornar vegano. O resultado desta pergunta poderia nos evidenciar se estes agentes e suas performances possuem ou não possuem influência de modo empírico para que as pessoas possam reconhecer no veganismo um potencial de desconstrução do alimento de origem animal como único portador simbólico de força e daqueles que não o usufruem, como não portadores simbólicos deste quesito. Em seguida, pediu-se para estes falarem de seus ganhos de modo geral.

Também, perguntamos para os atletas como é sua relação com atletas não veganos, buscando saber se há mais concordância ou discordância ou outra opção a ser descrita. O objetivo foi reconhecer como estes veem e são vistos pelos praticantes da mesma área. Também buscamos saber se conhecem outros atletas veganos e em quais locais os encontram. Os locais citados foram: 'Redes sociais', 'Universidade', 'Restaurantes e/ou espaços veganos', 'Eventos de rua', 'Trabalho', 'Academias/centros de treinamento'. E, por último, se estes formam alguma espécie de grupo ou coletivo em geral. Ainda, buscamos saber se os entrevistados fazem parte de algum movimento e/ou organização que não tenha relação tanto com o veganismo quanto com a prática esportiva, a fim de saber quais movimentos externos a estas práticas, as quais buscamos no trabalho, podem comparecer e dialogar com estes grupos. Perguntas estas feitas para compreender uma determinada coesão social em suas práticas, se elas ocorrem de forma mais individual e pulverizada ou existem grupos coesos. Evidencia-se, assim, também uma possível relação entre agente e estrutura nestes grupos.

Para as feministas veganas também perguntamos qual das práticas (veganismo e feminismo) fora aderida em antecedência a outra ou se o início de ambas as práticas ocorreram em períodos próximos. O intuito desta pergunta é tentar traçar uma linha cronológica geral para saber se há correlação entre o tornar-

se vegano e feminista para estes agentes ou se não há. Após esta pergunta, foi questionado se, na visão destes agentes, o feminismo e o veganismo possuem relação, dando opções entre “sim” ou “não”. Caso a resposta fosse ‘sim’, uma nova questão surgiria, buscando saber em quais aspectos ocorreria esta relação. Como parece evidente, o intuito é buscar saber por quais valores e práticas estes agentes interligam ambas as categorias, de vegana e feminista. Em seguida, foi feita uma pergunta de forma escalar, com notas de zero a dez: zero assinalando total discordância e dez assinalando total concordância, para a seguinte afirmação ‘*o veganismo também é uma forma de lutar contra o patriarcado*’. Com esta pergunta, há o intuito de saber o quanto estes agentes veem na intersecção de ambas as práticas uma coesão que as unifique ou as separe. Estas perguntas também autorizam a fala do entrevistado, podendo este colocar outros aspectos que o entrevistador não espera que se relacione com a prática a priori.

Mais para o fim, foram feitas também questões com o intuito de conhecer se há uma agência mais individual e pulverizada ou se existem mais grupos coesos que unificam ambas as práticas, também buscando conhecer as relações entre agente e estrutura nestes grupos. Conhecer outras feministas veganas é um dos aspectos a serem indagados, se sim, onde as encontra, como: Redes sociais, Universidades, Restaurantes e/ou espaços veganos, Eventos de rua, Trabalho, ou outros, dando a opção de citá-los. Se conhece outras feministas veganas, a entrevistada será perguntada se formam alguma espécie de coletivo. Por último, foi perguntado se fazia parte de outros movimentos ou organizações as quais não possuem relação direta, tanto com o veganismo quanto com o feminismo, buscando reconhecer outras relações possíveis.

De modo geral, chamam atenção aspectos unânimes entre os entrevistados. Todos ocupam cargos típicos das classes médias, desde estudantes até pequenos empreendedores. Uma parte significativa dos atletas, por exemplo, concilia suas atividades físicas com o próprio ganho financeiro, desde ciclistas entregadores, até professores de artes marciais e yoga. Todos os entrevistados ocupam uma mesma faixa etária, nascidos entre o início dos anos 80 até o início dos anos 90, são a geração que se familiariza com diversas práticas, que possui uma certa abertura para o novo e à constante absorção de informação. Um exemplo é a internet, o principal meio, não só de comunicação, mas de busca de informações, tanto para

manter uma dieta vegana equilibrada como para conhecer os diversos motivos para a libertação animal, os impactos ambientais das mais diversas formas ou conhecer outros praticantes veganos espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Embora uma parte significativa relacione sua prática com aspectos políticos, nenhum dos entrevistados possui vínculos organizativos, as possíveis associações que acontecem com outros veganos e outros coletivos ocorrem de forma autônoma: Juntam-se coletivos, se desfazem, formam-se outros, de forma fluída e espontânea. Por último, a libertação animal e as noções de sustentabilidade e causas ambientais são apontadas de forma unânime. Estes argumentos se engendram de forma quase única, como se um defendesse o outro, e são apontados como os principais motores da prática vegana. Mais da metade dos entrevistados apontaram sua visão de que a pecuária é uma relação incoerente, tanto com o meio ambiente quanto com os animais. Esta, ao desmatar, desapropriar terras indígenas, produzir a ração de gado e outros animais através da monocultura da soja, gasta um número significativo de quilos de alimento e litros de água que poderiam estar alimentando pessoas ao invés de animais de grande porte, destinados ao consumo humano. Tal argumento se correlaciona com a ideia de libertação animal, que visa romper com o modo de vida industrial no qual os animais são colocados. Grande parte dos entrevistados relatam terem assistido filmes e/ou presenciado cenas as quais se evidenciam processos em que animais são submetidos (a vida cercada desde o nascimento até o momento do abate, e caminhões com animais enjaulados) e em seguida rompendo com hábitos diversos que correlacionavam este modo de vida. Em seguida, a saúde se torna questão quase unânime (para sete de oito entrevistados), muitos relatam, por experiência pessoal, aumento de imunidade e desaparecimento de crises crônicas, como rinites e outras alergias.

Aspectos que se evidenciam, mas não são unânimes, aparecem logo em seguida. Como dito anteriormente, as redes sociais possuem um papel de fortalecimento destas práticas, seja pelo capital cultural, com o acesso à informação dos mais variados processos e práticas, seja pelo capital social, com o conhecimento de grupos e outros praticantes. Ao todo, 7 dos 8 entrevistados dos entrevistados fazem o uso das redes sociais com finalidades de fortalecer estes laços. Uma parte significativa possui acesso ao ensino acadêmico, 5 dos 8 entrevistados, e aqueles que não possuem este acesso buscam conhecimento de

forma autônoma, seja por livros ou pela internet. Em seguida, 5 de 8 dos entrevistados relacionam seu posicionamento com questões espirituais, filosofias de vida que perpassam tanto pelo xamanismo, filosofias orientais e o que também fora descrito como 'sagrado-natural', constituem uma proximidade tanto com a noção de que os animais possuem espírito e subjetividade, quanto que a própria Terra e o ambiente deve ser respeitado e considerado como algo vivo. O espiritismo também é uma das doutrinas citadas, embora nenhum dos entrevistados tenha dito fazer parte integral desta. Todos os entrevistados disseram não ter motivos religiosos e muitos contestaram o caráter institucional que a religião toma, colocando esta em uma função muito mais coercitiva e doutrinadora do indivíduo do que de busca espiritual integral. Ainda, 5 de 8 dos entrevistados disseram que sua posição política se relaciona com a prática vegana e ocupam posições entre a esquerda, a libertária e o anarquismo. Muitos ressaltam a consciência de que este sistema econômico e industrial no qual vivemos afeta não só os animais, mas também a vida dos seres humanos, aliando ambas as considerações.

É relevante também salientar que alguns praticantes fazem parte de outros movimentos. Cerca de 4 dos 8 entrevistados possuem relação com coletivos e formas de atuação que não necessariamente relacionam-se com o veganismo de forma direta. O movimento pelo maior acesso ao uso da bicicleta como forma de mobilidade urbana é um dos pontos onde praticantes se encontram. O movimento punk também é citado em uma das entrevistas.

Em relação às feministas veganas, é unanimidade entre as entrevistadas o reconhecimento de que o feminismo e o veganismo, em suas práticas, possuem relação. Para elas convergem relação entre princípios como liberdade e igualdade, tanto para as mulheres como para os animais, e a noção das diversas formas de coerção que a mesma sociedade e seus aparatos lhes impõe. Três considerações em entrevistas poderiam ser expostas para estas relações. A primeira, feita pela Feminista A (estudante de ciências sociais) diz respeito à colocação, tanto no caso do gênero feminino quanto dos animais, em sub-categorias de 'ser' em nossa sociedade, ou seja, sistematicamente retirados de seu direito à liberdade e, sequencialmente, submetidos ao processo de ocultação de suas subjetividades em práticas abusivas, seja por meio da objetificação e consumo do corpo feminino em

diversas esferas, seja por meio da objetificação e consumo do corpo no caso dos animais.

Uma segunda entrevistada (a feminista e atleta E) alertou para a incompreensão geral de que as fêmeas de outras espécies também seriam fêmeas. Em suas palavras:

‘Já pensou que toda vaca que dá luz ao filhote é separada deste, o filhote vira vitela, e a vaca vira vaca leiteira? Os dois entram em depressão. Ainda assim é uma vaca, mas é uma fêmea e uma mãe, [tudo isso] pro cara tomar leite de manhã com cereal. As vacas gostam de música e possuem melhores amigas.’ (Feminista e atleta E)

E, por fim, uma terceira entrevistada, a Feminista B, aponta a noção a qual pretende chamar de ‘sagrado feminino’. Dentro desta noção cosmológica estaria a ideia de que deve haver uma busca pelo equilíbrio natural, e de que, dentro do atual estágio que nos encontramos, haveria a necessidade de equiparar, em âmbito geral, a energia feminina à energia masculina para que houvesse o fim dos mais diversos processos opressores, tanto para o feminino, quanto para os animais, bem como para a Terra. Ou seja, a busca pela libertação da mulher, dos animais e da terra em um âmbito primeiramente ‘energético’ e ‘psico-físico’, que acarretaria em uma mudança profunda em nossa sociedade. Noção esta muito próxima a teóricos da sociologia ambiental, como Hannigan (1997) e Raynault (2006), os quais ressaltam que a ruptura entre o ser humano e natureza e as noções ‘relacionais-cognitivas’ (HANNIGAN, 1997), que ligam a existência de um e outro de forma harmoniosa, acabaram por gerar a crise ambiental atual.

Pouco mais da metade dos entrevistados declarou ser vegana antes de feminista e pouco menos da metade declarou que ser feminista antecedeu seu veganismo. Sendo assim, não há como traçar uma linha cronológica geral sobre como determinada prática leva a outra, contudo todos os entrevistados, como dito anteriormente, viram na abertura de uma das práticas a possibilidade de aderir a outra também. Indagadas com a questão proposta na entrevista, se “O veganismo também constitui uma forma de luta contra o patriarcado”, com opções de escolha de zero a dez, zero para ‘Discordo muito’ e dez para ‘concordo muito’, a média das respostas é de 7,4 (em uma escala de zero a dez). Uma colocação da Feminista C evidencia muito bem a tomada desta posição:

'Ser vegano 'em si', com uma perspectiva individual, não contribui efetivamente na luta contra o patriarcado, tampouco se relaciona com este tipo de consciência. Porém, o pensamento complexo e contra hegemônico do vegetarianismo radical, ainda que inconscientemente, propõe estratégias para o desmonte do patriarcado" (Feminista C)

A noção geral é que o veganismo pode ser um aliado, desde que o processo de conscientização geral exista, caso contrário pode se tornar apenas um fetiche, uma moda, aderida por aqueles que não aprofundam sua capacidade crítica e de reflexão.

Em média, 4 das 5 das entrevistadas não formam coletivos veganos-feministas, e 3 de 5 não fazem partes de outros movimentos. Isso demonstra que ainda há um caráter, de certa forma, pulverizado das práticas, muitas vezes adotando mais a internet e as redes sociais (4 de 5 encontram semelhantes na rede) e cambiando informações sobre práticas com pessoas de localidades distantes. Em seguida, um local significativo de localização destes atores é em restaurantes e espaços veganos, cerca de 2 de 5 das entrevistadas afirmaram comparecer frequentemente em espaços como estes e encontrar feministas veganas nestes espaços. Espaços como o Vulp bici café e Café Bonobo foram não apenas os citados, como também locais onde ocorreram algumas das entrevistas e encontros. Cabe também informar que dentro do design gráfico das marcas destes espaços encontram-se figuras de animais, no Café Bonobo a figura de um macaco, e no Vulp Bici Café a figura de uma raposa, aproximando a figura animal da humana, simbolizando a proximidade existencial entre ambos dentro de um espaço concebido como vegano.

Dentre os atletas veganos entrevistados era unanimidade a prática ainda amadora e a busca por iniciar competições. As categorias competitivas variavam de Artes marciais mistas (MMA), ciclismo, corrida, boxe e fisiculturismo (Feminista e atleta D, portadora de um patrocínio de uma marca de suplementos veganos). Prestes a encarar seus primeiros desafios em âmbitos competitivos, poucos declararam fazer isto com a busca de difundir o veganismo (apenas a fisiculturista vegana afirmou que sente em sua prática o dever de colocar a alimentação de carnes e derivados em cheque com a sua prática através do âmbito competitivo e de seus resultados). Mesmo assim, quando feita a pergunta "*sua performance contribui para que outras pessoas se conscientizem sobre as possibilidades de se tornar vegano*", com opções de escolha entre zero e dez (zero para 'discordo muito', dez

para ‘concordo muito’), as respostas receberam uma nota altíssima, com media geral calculada em 9. Nesse ponto, muitos declaram o que já é esperado e citado, tanto por Bourdieu quanto por Carol Adams: O senso comum constrói a ideia de que a ausência de alimentos de origem animal e seus derivados decorre em uma debilidade no quesito força e vitalidade, ou seja, o alimento de origem animal é visto como portador simbólico de força desde a antiguidade. A Atleta e feminista E, lutadora de MMA, declara que a força foi o principal aspecto que despontou em sua performance e que “*Hoje consigo agachar um cara de 90 quilos em minhas costas e obter ganhos que são muitos custosos para uma mulher*”. O Atleta B, que é boxeador, afirma que é muitas vezes motivo de piadas por seu porte magro e sua dieta vegana assumida em academias onde treina, porém diz que sua resistência física desperta atenção:

‘Em geral o pessoal faz piada da minha dieta, mas durante o treino, quando todos cansam, e minha resistência física continua inalterada. Com o término do treino eles resolvem se aproximar, me elogiar, tirar dúvidas e tentam adaptar alguns aspectos na sua dieta’. (Atleta B)

Este mesmo boxeador possui participações contínuas tanto nas mídias alternativas (youtube, por exemplo), como em alguns programas televisivos, difundindo formas de alimentação as quais considera ‘alimentações vivas’, não apenas em âmbito objetivo, como grãos germinados e alimentos biogênicos, quanto conceitos de vitalidade e longevidade em geral, próximos de filosofias orientais como o budismo, taoísmo e o hinduísmo, cosmologias as quais buscam lidar com uma certa ‘alma do mundo’ (RAYNAULT, 2006).

Aos que eram veganos antes de se tornarem atletas, calcula-se 3 de 5 dos entrevistados, e 2 de 5 eram atletas antes de serem veganos. No mesmo caso das feministas veganas, é impossível conceber qual prática antecede a outra, criar uma linha cronológica que defina qual prática acarreta em outra. No entanto, para estes, em geral, a busca por saúde é um fator que abrange muito mais do que o próprio corpo e o âmbito individual: a saúde está nas relações com a sociedade e a natureza também. O atleta C, praticante de corridas e maratonas, disse que se conscientizou sobre a possibilidade de se tornar vegano através de um maratonista americano, chamado Scott Jurek. Ao conhecer a atuação do atleta se indagou:

‘Se uma dieta onívora e uma dieta vegana são compatíveis em âmbito nutricional, e os mesmos resultados que um atleta onívoro pode ter um atleta vegano também pode ter, por que não adotar uma postura que não contribua com toda esta exploração [dos animais]?’ (Atleta C)

Isso também acarreta em um dado importante: todos os atletas entrevistados conheciam outros atletas veganos, fossem eles do exterior, do Brasil, ou de seu círculo social, embora 4 de 5 não façam parte de grupos de atletas veganos (apenas a fisiculturista, a qual possuía patrocínio de uma marca de suplementos veganos, tinha relações diretas com grupos de atletas veganos, tanto no meio virtual quanto em encontros em eventos). O papel das redes sociais e das mídias se torna evidente para o conhecimento de atletas que direcionam o olhar sobre a possibilidade de se tornar vegano e de discutir não apenas dietas, mas posturas de vida e reforços para suas argumentações.

Para os entrevistados, as reações de atletas não veganos não eram nem de concordância, busca por aderir a práticas e concepções veganas em geral, e nem de discordância, uma total refutação de toda a possibilidade de ser atleta e vegano ao mesmo tempo. Segundo os relatos, muitos concordam e tentam adaptar aspectos considerados novos para as suas práticas, como uma dieta com novos tipos de grãos, frutas e verduras e sucos conhecidos como ‘sucos verdes’, além de reduzir o consumo de derivados de origem animal. Porém, há ainda uma grande parte que subestima a capacidade de obter proteínas apenas com alimentos de origem vegetal, evidenciando mais uma vez o aspecto simbólico de força que a carne e os alimentos de origem animal denotam de modo geral. Considerada pelos entrevistados como ‘a compaixão pelos animais’, todos afirmam ser ainda a única maneira de realmente despertar para o veganismo, ao invés de outros aspectos.

Dos atletas veganos entrevistados, apenas 2 de 5 fazem parte de outros movimentos, em geral movimentos pela maior mobilidade urbana através do uso da bicicleta. Estes movimentos também dialogam com coletivos autônomos diversos, que hora se constituem, hora se desmantelam e formam outras frentes. Neste aspecto, comparece a maior proximidade com movimentos anarquistas e punks, no caso do Atleta A.

Em geral, a grande crítica de todos os entrevistados, tanto feministas veganas quanto atletas veganos, é a questão do especismo e da libertação animal. Ao serem questionados quais as motivações os levaram a se tornar veganos, todos colocaram

a questão da libertação animal como guia principal de suas motivações. As analogias variam, desde questões políticas até questões espirituais. O atleta A, que se denomina do movimento punk constata:

‘É sobre a questão dos animais, não tem a ver com saúde. (...) Quando eu tinha uns 15 eu vi um caminhão da Avipal passando cheio de galinhas engaioladas, e aquilo me comoveu, e foi o que me motivou a virar vegano. (...) Tempos depois vi um documentário sobre os campos de concentração nazistas, onde as pessoas iam em vagões [de trem] lotados e depois estes vagões voltavam vazios. E as pessoas diziam que não sabiam do que estava acontecendo, pois não estavam vendo. E a mesma coisa senti quando os caminhões da Avipal passavam cheios de galinhas e voltavam vazios: ‘como as pessoas não sabem o que esta acontecendo?’ (Atleta A)

Neste sentido, é possível elucidar uma abordagem mais realista, voltada a aspectos e processos práticos da vida material, os quais contribuem para o que os atores chamam de ‘especismo’. Analogias como ‘Holocausto animal’ são recorrentes em materiais veganos diversos.

Em seguida, motivações espirituais se situariam em aspectos que os sociólogos da questão ambiental classificariam como ‘construtivistas’ (HANNIGAN, 1997), reconciliando a ruptura que a sociedade ocidental criou entre seres humanos e natureza em aspectos epistêmicos, simbólicos e cognitivos. Para Claude Raynault, estes movimentos não são de todo novos:

A supervalorização de uma natureza livre e selvagem encontrava-se também nas obras de um escritor e filósofo como Jean-Jacques Rousseau (...). Foi um dos temas centrais de todos os românticos de toda a europa. Redescobrir a natureza, re-estabelecer o contato com ela representou uma das grandes modas das classes altas e dos intelectuais do final do sec. 18 e sec. 19. (RAYNAULT, 2006, p. 24)

De modo análogo, um tema recorrente e inesperado que aparece nas entrevistas é um processo intitulado por muitos autores como uma certa ‘Expansão de percepção’ e de ‘consciência’. Não colocando o termo em sentidos restritamente místicos, espirituais, e tampouco os excluindo. Estes processos ocorrem tanto para aqueles que voltam suas motivações a aspectos mais políticos, como também aos que recorrem a aspectos sutis. O ponto é que parte significativa dos entrevistados se diz com uma maior capacidade de sensibilização para inúmeros processos ocorrendo em seu entorno, sejam eles aspectos práticos, como a noção dos efeitos

ambientais de sua prática, por exemplo, como também outros fenômenos. Para uma das entrevistadas, Feminista Jornalista C:

'Acho que a consciência acontece no todo, não tem como ficar consciênte só para o veganismo ou desequilíbrio de gênero que existe na sociedade, desequilíbrio de liberdade, ou do sistema capitalista. Sua consciencia abre e você consegue ver o que não conseguia antes, e isso você não pode mais ignorar' (Feminista C)

Processos estes passíveis de outras pesquisas, com outras abordagens e talvez com outras disciplinas.

Por fim, outra consideração interessante e não esperada ao início do processo de pesquisa é a noção de um veganismo 'não universal'. O reconhecimento de que o veganismo é muito mais coerente como prática em uma sociedade capitalista-industrial, como forma de equilibrar diversos impactos, do que em modos de vida tradicionais, é acionado por um dos agentes que reconhece a maior capacidade de outras sociedades de viver de forma harmônica com o ambiente, mesmo se alimentando de alimentos de origem animal e de caça. Para uma das entrevistadas, a feminista e jornalista B, é inconcebível um esquimó ou um morador da África sub-saariana vegano, estes precisam da caça.

Em parte se compreende a contextualidade do veganismo, ao invés de uma universalidade. Este se forma como uma espécie de fator de equilíbrio para os impactos de uma sociedade capitalista-industrial por agentes urbanos, que compreendem de forma reflexiva as suas atuações através de pequenas ações diárias. Uma espécie de 'agir local e pensar global' se instaura à medida que as informações trocadas de diversas maneiras ganham também significação nos pequenos atos do dia a dia, moldando atitudes e também significações, gerando debates, se dinamizando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alimentação também é um fato social e muito mais do que apenas uma portadora de valores nutricionais, também é um aspecto portador de cultura e significados. Sendo assim, buscar contestar as noções carnivoristas nas duas esferas, nutricional e cultural, constituem boa parte da visão vegana em sua atuação. Em relação a parte epistemológica, a qual nos cabe nesta análise dos fatos sociais, é possível notar a noção de força e dominação da carne, de alimentos de origem animal e do especismo, na postura dos atletas quanto das feministas.

Grande parte dos entrevistados possuem um capital econômico de classe média em nossa sociedade brasileira e, muitos de seus trabalhos, lidam também com a obtenção de capital cultura, no caso de professores, instrutores e músicos. Percebemos um capital cultural interessante à medida que, não só a grande maioria dos entrevistados possuem acesso ao ensino superior, como também relacionam os mais diversos conhecimentos, tanto para a forma com a qual aderem ao veganismo bem como o relacionam com as suas práticas diversas. Encontram-se ainda em um constante fluxo de informações ao usufruírem da internet como principal meio de debates, conhecimentos sobre atuações e formas de organização. As relações que constroem com o veganismo e temas como o meio ambiente, a libertação animal, saúde e nutrição, política e espiritualidade, em níveis variados de agente para agente, porém existentes dentro do movimento, esboçam um capital cultural evidente. O capital social destes grupos encontra-se ainda bastante pulverizado, demonstrando aspectos que evidenciam uma prática ainda mais individual. O primeiro é o papel das redes como principal meio de comunicação e atuação e o pouco conhecimento de praticantes similares em localidades próximas. O segundo é que, mesmo conhecendo e convivendo com praticantes diversos, tanto veganos quanto atletas e feministas, poucos formam grupos e, quando formam, estes se constituem de forma autônoma e, segundo seus relatos, muito breve. Possivelmente, essas pessoas venham a aumentar à medida que os espaços veganos ganhem maior abrangência e constituam um campo comum para estas práticas.

Para os atletas veganos, fica a desconstrução da noção de fraqueza na ausência da carne e derivados de origem animal. Atletas veganos mais consagrados

conseguem expor esta façanha e demonstrar a atletas entrevistados, e estres a simpatizantes de suas posturas e práticas. Fica claro o papel da *hexis corporal* como ferramenta de luta para estes agentes, reconstruindo a noção de força e vitalidade no imaginário social. Nesse sentido, a performance do atleta vegano demonstra uma maior direção e aceitação do veganismo, um potencial simbólico, porém o grande motor de aderência à prática continua sendo a consciência sobre o especismo através do processo de conhecimento do 'referente ausente', o que segundo Adams, tem se tornado presente através da conscientização dos processos aos quais os animais são submetidos e as implicações disso, que conscientizam as relações de causa e efeito no agente. Ou seja, a hipótese de que o papel da utilização da *hexis corporal* em favor do veganismo contribui para a disseminação do mesmo é verídica, porém este não possui o papel central. A isso cabe colocar o trabalhado acerca do *habitus* vegano, onde um dos seus elementos principais é a luta contra qualquer noção que coloque a vida animal como objeto. Poucos atletas veganos convivem com outros atletas veganos e grande parte de seus contatos ocorre via redes sociais. Isso demonstra o caráter pulverizado das agências destes, demonstrando o caráter ainda individualizado das atuações.

As feministas veganas buscam, no que Adams coloca como 'referente ausente', colocar em exposição, tanto os animais e as mulheres, nos mais diversos processos, em posições de objetos. Colocam a posição como uma luta por valores como justiça, liberdade e igualdade. Porém, há o reconhecimento de que só uma dieta vegana não basta, é necessária uma postura vegana de fato: Contra-hegemônica em todos os aspectos para que ambas as noções se correlacionem. Aspectos estes que formam o que Bourdieu coloca como homologias no campo social. Estas alianças, em oposição a campos dominantes e hegemônicos, dão o papel do veganismo uma noção de contra-cultura passível de relação com outras contra-culturas, e seu caráter de atuação, ainda individualizado, contribui para que determinados agentes coliguem tais âmbitos sem grandes comprometimentos.

Em relação a uma aproximação paradigmática entre sociedade e natureza na prática destes agentes, é possível notar que há, sim, uma noção que busca aproximar o ser humano desta nas mais diversas formas. Ao tentar buscar um comportamento menos agressivo ao meio ambiente, partindo de práticas, sejam pela alimentação, sejam pelo uso da bicicleta em espaços de mobilidade urbana, é

possível reconhecer uma breve tentativa de redução de impactos da sociedade capitalista-industrial a qual vivem e uma tentativa de aproximação com modos de vidas e práticas menos agressivas à natureza, embora ainda muito reduzidas se comparadas aos impactos que a sociedade na qual vivem produz. A relação com cosmologias que buscam reconectar o ser humano e a terra, visando uma espécie de equilíbrio e harmonia, também constituem um fator relevante para esta análise e se enquadram em uma espécie de noção epistêmica, que pode vir a fundamentar formas de culturalidade e ações que também visem tal aproximação. Embora não possua um papel central para estas práticas e para as noções de sustentabilidade, o veganismo pode servir como aliado daqueles que as tomam e somar a estas formas de atuação. Por fim, vale considerar que a atuação dos agentes entrevistados aproxima outras pessoas do veganismo. Porém, este é um movimento plural como todos os outros. A abrangência que pode ganhar ao longo do tempo necessitará de diálogos diversos, da capacidade de demonstrar, tanto empírica quanto teoricamente, suas contribuições, possibilidades e vias de acesso. Se o movimento vegano quiser ganhar cada vez mais espaço, é necessário que se torne e se mostre acessível, tomando consciência de suas possíveis relações e criando pontes através destas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABONIZIO, Juliana. **Consumo alimentar e anticonsumismo**: veganos e freeganos. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo 2013.

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne**: relação entre carnivorismo e a dominância masculina. São Paulo: Alaúde, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: a crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOUDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BUTLER, Judith **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira 2005.

CHERRY, Elizabeth. **Veganism as a Cultural Movement**: a relational approach. Athens: University of Georgia, 2006.

HANNIGAN, John A. **Sociologia ambiental**: a formação de uma perspectiva social. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LATOURE, Bruno. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.

PATEMAN, Carole **O contrato sexual**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.

PINTO, Celi R. J.; GUAZZELLI, Cesar A.B. (Org). **Ciências Humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

RAYNAUT, Claude. **As relações ser humano/natureza**: a arqueologia social de uma ruptura. Texto que subsidiou conferência realizada em Curitiba, no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento - MADFJUFPR, em agosto de 2006.

APÊNDICE A – Questionário alicado às feministas

Entrevistado número: _____

Feministas

Profissão: _____ Idade: _____

Vínculo organizativo (Ong, grupo, associação): Não Sim

Qual : _____

Formação: Nível fundamental Nível médio completo

Nível superior completo Nível médio incompleto

Nível superior incompleto Pós-graduação superior

(Se nível superior) Qual formação? (opcional): _____

1. Por que se tornou vegano?:

2. Marque apenas uma: Era feminista antes de se tornar vegana

Era vegana antes de se tornar feminista

Se tornou feminista e vegana em conjunto

3. Para você, veganismo e feminismo possuem relação? Sim Não

[Se a resposta anterior for sim] Quais aspectos, na sua opinião, constroem correlação entre o feminismo e o veganismo?

4. Sobre a afirmação seguinte:

'O veganismo também é uma forma de lutar contra o patriarcado'

Marque um número:

Discordo muito

Neutro

Concordo

muito

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

5. Existem outros aspectos que se relacionam com seu posicionamento?

Libertação animal [] Meio-ambiente/sustentabilidade [] Saúde []

Religião/espiritualidade [] (se sim)

Qual? _____

Direção política [] (Se sim): Qual: _____

6. Conhece outras feministas veganas? Não [] Sim []

(Se sim) Onde você as encontra geralmente? Redes sociais [] Universidade []

Restaurantes e/ou espaços veganos [] Eventos de rua [] Trabalho []

Outros:

(se sim) Formam um coletivo? Não [] Sim []

Qual: _____

7. Você faz parte de algum outro movimento e/ou organização? Não [] Sim []

(Se sim) Qual: _____

8. Observações:

AÊNDICE B – Questionário aplicado aos atletas

Entrevistado n: _____

Atletas

Idade _____

Modalidade atlética: _____ Profissão: Atleta [] Outra

profissão: _____

Vínculo organizativo (Ong, grupo, associação): Não [] Sim [] Qual : _____

Formação: Nível fundamental [] Nível médio completo [] Nível superior completo [] Nível médio incompleto [] Nível superior incompleto [] Pós-graduação superior []

(Se nível superior) Qual formação? (opcional): _____

1. Por que se tornou vegano?

2. Marque: Era atleta antes de ser vegano []

Era vegano antes de ser atleta []

Se tornou vegano e atleta ao mesmo tempo []

3. Você acredita que sua performance contribui para que outras pessoas busquem se conscientizar sobre as possibilidades de se tornar vegano?

Marque um número:

Discordo muito

Neutro

Concordo

muito

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

observações (opcional): _____

Quais os resultados (físicos, competitivos)? (opcional)

5. Qual a reação de atletas não veganos ao conhecer sua posição?

Concordância [] Discordância []

Outra: _____

6. Conhece outros atletas veganos? Não [] Sim []

(Se sim) Onde você os encontra geralmente? Redes sociais [] Universidade []

Restaurantes e/ou espaços veganos [] Eventos de rua [] Trabalho []

Academias/centros de treinamento []

Outros:

_____ (se sim) Formam um coletivo/grupo? Não [] Sim []

Qual: _____

7. Existem outros aspectos que se relacionam com sua prática?

Libertação animal [] Meio-ambiente/sustentabilidade [] Saúde []

Religião/espiritualidade [] (se sim)

Qual? _____

Direção política [] (Se sim) Qual: _____

8. Você faz parte de algum outro movimento e/ou organização? Não [] Sim []

(Se sim) Qual: _____

9 . Observações:

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido



Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Curso de Ciências Sociais

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de um estudo que pretende pesquisar o veganismo como forma de engajamento, através de suas correlações. Assim, pedimos que leia este termo e esclareça dúvidas antes de consentir em participação.

Objetivos do estudo:

Entender como o veganismo atua, através de suas correlações com práticas de atletas e feministas, para compreendê-lo como forma de contra-cultura e de criação de novas formas de participação em âmbitos culturais em geral.

Objetivos específicos:

Identificar o papel do hábito alimentar como portador de culturalidade.

Entender como a figura do atleta pode ser ou não portadora de uma legitimação de um novo hábito alimentar o qual busque a noção simbólica de força em alimentos puramente de origem vegetal.

Entender como as relações culturais entre veganismo e feminismo se familiarizam, se possuem noções comuns e de que forma se constroem.

Conceber se há um capital cultural inerente a prática vegana.

Conceber a capacidade do movimento vegano criar redes com outras formas de atuação.

Procedimentos:

O participante será solicitado a responder perguntas sobre suas formas de atuação e como elas se originam, dentro do movimento vegano. O tempo estimado para as respostas é de 10 a 15 minutos.

Riscos e benefícios do estudo:

A participação no estudo não oferece risco a integridade moral do convidado, pois os nomes não serão utilizados na pesquisa. O estudo não possui benefício a curto prazo, porém é possível que propicie novas reflexões que proponham, a longo prazo, uma maior evidência das praticas veganas.

Confidencialidade: Ficará resguardado ao pesquisador responsável e protegido de revelação não autorizada o uso das informações individuais recolhidas.

Novas informações: A qualquer momento o participante poderá requisitar informações sobre o estudo através de contato com o pesquisador.

Responsável:

Yuri Garcia Pedrozo

Email: gp_yuri@yahoo.com.br

